

CURRAL GRANDE

Peça de Marcos Barbosa

PERSONAGENS

Cena 1

Homem, Mulher, Menino e Velha.

Cena 2

Bêbado 1, Bêbado 2, Bêbado 3, Bêbada, Pai da criança, Mãe da criança, Velha doente, Mulher 1, Mulher 2, Mulher 3, Gaiato, Homem 1, Homem 2, Homem 3, outros flagelados.

Cena 3

Pai, Mãe, Filho e Filha.

Cena 4

Funcionário 1 e Funcionário 2.

Cena 5

Médico, Soldado 1, Soldado 2, Rapaz, Benzedeira.

Cena 6

Flagelado 1, Flagelado 2, Flagelado 3, Mulher, Garota, Sargento, Soldado 1, Soldado 2, Patrulha.

Cena 7

Padre, Sanfoneiro, Zabumba, Triângulo, Soldado 1, Mulher, Soldado 2, outros flagelados.

Cena 8

Menino (o mesmo da Cena 1, único personagem a aparecer em mais de uma cena, apesar de algumas designações repetidas).

Curral Grande

Um ator, ao público:

Durante a seca de 1932, no Ceará, a prática de manter a cidade de Fortaleza afastada da miséria concretizou-se em frentes de trabalho, em políticas de emigração para outros estados e no isolamento de milhares de sertanejos sete Campos de Concentração.

Os Campos, construídos por iniciativa do poder público, foram erguidos em lugares estratégicos do estado, para garantir o encerramento do maior número possível de retirantes no sertão do Ceará.

Para os flagelados encarcerados, os Campos de Concentração tinham outro nome: eram os *Currais do Governo*.

É essa a história que contaremos hoje.

Curral Grande.

Cena 1

Sala de portas e janelas trancadas numa pequena casa de fazenda. Uma velha, uma mulher com um bebê nos braços e um menino; depois, um homem.

Enquanto a velha se ocupa em coser um pano num canto da sala, a mulher, murmurando uma canção de ninar, embala o bebê em seus braços.

MENINO. *(após uma pausa)* Mãe...

A mulher pede silêncio ao garoto e volta a embalar o bebê. Mais alguns instantes e o menino insiste:

MENINO. Mãe...

A mulher se dispõe a ouvir.

MENINO. Pai não vem mais não?

MULHER. Vem.

MENINO. Está demorando muito.

MULHER. Daqui a pouco ele chega.

MENINO. E está demorando por que?

VELHA. Venha cá. Venha pra perto de sua avó. Sua mãe está botando seu irmão pra dormir.

A mulher volta a ninar o bebê.

MENINO. *(após uma pausa)* Queria que meu pai chegasse logo.

VELHA. Já que ele chega.

Passado algum tempo, a mulher pára de embalar o bebê.

VELHA. Dormiu?

A mulher faz que sim.

VELHA. Baixou mais a febre?

MULHER. Um pouco.

VELHA. Louvado seja Deus.

Ouvem-se pancadas na porta.

MENINO. É meu pai!

A mãe pede silêncio. Após um tempo, novas batidas.

HOMEM. Sou eu.

MENINO. Não disse?

VELHA. Já vai.

A velha vai até a porta, retira a tramela e dá passagem ao homem, que entra trazendo consigo uma cabaça.

HOMEM. A bênção, minha mãe.

VELHA. Deus lhe abençoe.

HOMEM. Eu levantei, a senhora estava dormindo, não quis lhe chamar.

VELHA. Devia ter chamado.

HOMEM. *(indica a esposa)* Ela acordou, veio comigo passar a tramela na porta.

VELHA. Ela ainda está de resguardo. Não pode fazer força. Ainda mais no escuro, correndo o risco de tropeçar.

O menino aparece com uma caneca de flandre.

MENINO. A bênção, meu pai.

HOMEM. Deus lhe abençoe.

MENINO. O senhor me dá minha água?

HOMEM. Primeiro sua mãe e sua avó.

MULHER. Pode dar logo a dele.

O homem olha para a velha, ela também aquiesce.

O homem recebe a caneca do menino e, com um cuidado extremo, despeja uma cota racionada de água.

O menino toma tudo.

HOMEM. Me dê.

O menino entrega a caneca ao homem, que repete a operação e dá à velha e depois à mulher uma cota de água.

MENINO. Sobrou?

O homem não responde. Sai para um cômodo contíguo, levando a cabaça.

MULHER. De tarde ele dá mais.

MENINO. De tarde quando?

A Mulher não responde.

Volta o pai, sem a cabaça.

MULHER. Como foi lá?

HOMEM. Difícil. Está ficando perigoso. Diz que viram uma turma de flagelado zanzando aqui por perto. É pra tomar cuidado. Se souberem que tem gente aqui, é pior. Hoje, é bom ninguém sair.

MULHER. E pra onde estão indo?

VELHA. Deve ser pro Cariri.

HOMEM. Não. Diz que lá estão matando os flagelado que chegam.

MULHER. Deus tenha misericórdia...

HOMEM. Devem estar indo pra Senador Pompeu e de lá pra Fortaleza, no trem.

MULHER. Fico pensando se não era melhor nós ir também.

HOMEM. E deixar tudo aqui?

MULHER. Tudo o quê?

HOMEM. Tudo.

MULHER. Por mim, nós ia.

HOMEM. Quando for a hora, se não tiver mais jeito, nós vamo. Por enquanto dá pra ficar. (*indica o bebê*) Se entrar com um menino desse no trem, o mais certo é ele morrer na viagem.

VELHA. (*fazendo o sinal da cruz*) Jesus, Maria, José.

HOMEM. Se morre até homem feito, quem dirá criança de braço. Não viu os dois anjo?

VELHA. Que anjo?

MULHER. Já vai lembrar dessa conversa? Por que não deixa pra falar nisso quando o menino não estiver aí? Ele se impressiona.

HOMEM. Besteira. Ele já ouviu isso mais de uma vez. (*para a velha*) Eu tinha ido na Sede. Ainda estava com o cavalo, nesse tempo. Quando estava voltando, no que dei fé foi aquele monte de urubu numa touceira. Cheguei perto pra ver. Estavam lá duas mulher. (*indica a esposa*) Assim, novinha feito ela. As duas morta. Tinha um menino pequeno, no tamanho de andar, que elas tinham amarrado pelo pé. O pezinho do menino amarrado na perna de uma delas, acho que pra não ir muito longe, não se perder. Na certa, quando sentiram fraquejar, amarraram o menino, pra ele não fugir e algum bicho pegar. Também estava morto, o menino. E a outra, a outra mulher, estava com um menorzinho, ainda de aleitar. Eu tirei o anjo do peito dela. Ainda estava vivo, mas foi tirar do peito e ele deu um suspiro, desfaleceu. Morreu naquela hora.

VELHA. Misericórdia.

HOMEM. Eu dei um jeito de enterrar, porque senão ficava lá, pros bicho comerem.

VELHA. Nossa Senhora foi que olhou pelas pobre, na hora da morte.

HOMEM. Eu lembro do anjo no meu braço, parece que eu vejo.

MULHER. Não fale mais nisso, já chega. (*indica o menino*) Toda vida que tu conta essa história ele fica assim.

*Ouvem-se pancadas na porta. Todos fazem silêncio.
Outras pancadas.*

VOZ. (*fora de cena*) Ô de casa!

Outras pancadas na porta.

VOZ. (*fora de cena*) Ô de casa! Pela caridade de meu Padim Pade Ciço!

Dentro da casa, silêncio absoluto.

Passado algum tempo, outras pancadas.

VOZ. Ô de casa!

Silêncio na casa e, desta vez, um silêncio longo também do lado de fora.

HOMEM. Foram embora.

MULHER. Terão sido eles?

O homem faz que sim.

MULHER. Queriam o quê?

HOMEM. Ninguém tem nada pra dar.

MULHER. Talvez fosse só alguma ajuda.

HOMEM. Já foram embora.

Silêncio, ainda há alguma tensão na casa.

MENINO. Tem gente aí fora...

HOMEM. Como é?

MENINO. Tem gente aí fora. Estou ouvindo.

VELHA. Ele está impressionado.

O homem se aproxima da porta.

HOMEM. Vou abrir.

O homem desembainha uma faca.

HOMEM. Preste atenção.

A mulher se afasta o mais que pode da porta, com seu bebê. A velha protege o menino atrás de si. O homem abre a porta com cautela e constata:

HOMEM. Deixaram uma menina.

As duas mulheres acodem para ver do que se trata.

VELHA. Está morta?

HOMEM. Voltem pra dentro.

MULHER. Veja aí como ela está.

HOMEM. Voltem pra dentro que eu vou olhar.

O homem sai e, passados alguns instantes, volta. Vem sem a menina.

HOMEM. Está viva.

MULHER. E o que é que se faz?

HOMEM. Tem que devolver.

MULHER. Já foram embora, nem se avista mais.

HOMEM. E faz o quê?

MULHER. Bote ela pra dentro.

VELHA. Devem estar escondido aí afora.

MULHER. Na certa já se embrenharam pelo mato. Como é que vai achar eles?

HOMEM. *(para a velha)* Passe trava na porta, só abra quando eu voltar.

MULHER. Espera!

O homem não espera: sai e a velha passa a trava na porta.

MULHER. Deus me perdoe, mas o que ele fez não está certo.

VELHA. E ia fazer o quê?

MULHER. Botasse ela pra dentro.

VELHA. Pra cuidar como?

A mulher não responde.

MULHER. Ele não vai achar esse povo. Não vai. Se embrenharam no mato. Como é que vai saber pra onde foram?

VELHA. Não estão indo pra Senador Pompeu? Então? É uma direção só.

MULHER. Antes de chegar em Senador Pompeu estão vendo se não morrem de fome. *(após um tempo)* A senhora reparou na menina?

A velha não responde.

MULHER. Me deu muita pena de ver ela olhando pra nós.

Silêncio.

MULHER. Fale com ele. Ele escuta a senhora. Diga que não dá mais pra ficar aqui.

VELHA. E quem garante que em outro canto é melhor?

MULHER. Meu medo é que uma hora dessa seja nós na situação desse povo, precisando largar um filho assim, desse jeito, porque não tem mais como cuidar... Se tiver de enfrentar o trem, nós enfrenta. O melhor é ir enquanto ainda tem alguma força, pra quando chegar lá poder começar vida nova.

Após algum tempo, pancadas na porta. Silêncio na casa.

HOMEM. *(fora de cena)* Sou eu.

VELHA. Já vai.

A velha vai até a porta, retira a trava. O homem entra, passa a tramela na porta, procura um lugar para sentar.

MULHER. Encontrou eles?

Após refletir um pouco, o homem faz que sim.

MULHER. *(cautelosa)* E estavam onde?

HOMEM. *(evasivo)* Estavam lá...

MULHER. Lá, onde?

Silêncio.

MULHER. Encontrou eles mesmo?

Silêncio.

MULHER. Queira Deus que não chegue nossa vez.

Cena 2

Vagão de um trem de carga viajando à noite, apinhado de flagelados.

Cortando o escuro, o súbito apito de um trem de carga faz despertar um choro de criança e a zombaria dos bêbados:

BÊBADO 1. Pára de apitar, carniça! Não está vendo que o diabo dessa menina desata a chorar toda vez que esse troço apita!

BÊBADO 2. E faz mais zoada que o trem!

Risos, a criança ainda chora.

BÊBADO 1. Não chore não, meu bem, daqui a pouco chega!

Mais risos. A criança ainda chora.

BÊBADA. Chora forte, essa aí. Com fome, não deve de estar.

Outros risos.

PAI DA CRIANÇA. (*à mãe da criança*) Faça alguma coisa aí pra ela parar...

Após alguns instantes, a criança pára de chorar. Os bêbados retomam:

BÊBADO 2. Benza Deus: parou! Agora, só quando o trem apitar de novo!

Como sempre, os risos.

VELHA DOENTE. (*que de algum tempo vinha tossindo*) Estou sem ar, minha filha.

MULHER. Quando desembarcar, a senhora melhora.

HOMEM 1. Lá em Fortaleza, a estação deve estar mais cheia que esse trem.

HOMEM 2. A fedentina sendo menor, já me dou por satisfeito. Tendo vento, já melhora.

A velha tosse.

BÊBADA. O que é que ela tem, tossindo desse jeito? É tísica?

MULHER. É que está muito abafado.

VELHA DOENTE. Veja se eu estou com febre, minha filha.

MULHER. (*para uma criança sua, ao lado*) Segura esse saco pra mim, menino. Não solte, não, viu? Cuidado. (*para a velha*) Cadê, mamãe, deixe eu ver.

VELHA DOENTE. Estou queimando de febre.

MULHER. Não. Não está, não.

BÊBADO 1. Vou aproveitar que o vagão está cheio e vou dormir aqui em pé, mesmo. Quero chegar descansado e bonito pra quando o presidente vier me ver na estação!

Outros risos.

MULHER 2. Falta tudo, mas não falta o dinheiro da cachaça.

BÊBADO 1. Quem foi que falou aí? Está me chamando de cachaceiro, é?

GAIATO. Cachaceiro!

BÊBADO 1. Venha me chamar de cachaceiro aqui. Quero ver quem é o homem pra me dizer na cara!

GAIATO. Cachaceiro!

BÊBADO 1. Pra merda!

Risos. O apito do trem. A criança não chora.

BÊBADO 2. E a menina gasguita parou de chorar? *(uma pausa)* Que foi que houve? Acostumou-se?

BÊBADA. Ainda está viva, essa sua menina, dona?

MULHER 2. Isso lá é coisa que se diga, minha senhora? Respeite o sentimento de uma mãe.

BÊBADA. Se eu perguntei foi pra saber!

GAIATO. Moça dama!

BÊBADA. Moça dama eu vou já lhe dizer quem é!

Risos. O apito do trem.

BÊBADA. Afinal, minha senhora, sua menina está viva ou está morta?

MÃE DA CRIANÇA. Viva, sim senhora.

BÊBADA. Pronto: perguntei, a mãe respondeu, não se ofendeu nem nada. E os que não tem nada a ver com a história ficam falando. Depois arranja briga e ninguém sabe porque foi.

BÊBADO 3. Está querendo brigar com quem, mulher?

BÊBADA. Não é da sua conta!

GAIATO. Minha senhora, pelo amor de Deus, guarde essa faca!

Algum alvoroço no trem.

BÊBADA. É mentira! Mentira desse gaiato. Aqui não tem ninguém com faca!

MULHER 3. Meu povo, pelo amor de Deus, ajudem. Tem gente doente, aqui. Não é hora de brincadeira. Ninguém sabe nem o que vai ser de nós quando chegar lá.

HOMEM 1. A polícia vai estar esperando. Só deixaram partir o trem porque não tinha ninguém pra resolver a morte do fiscal.

HOMEM 2. E quem foi que matou? Alguém viu?

MULHER 3. Ninguém viu nada.

HOMEM 2. Viu, sim. Na hora, tem sempre um que viu e conta. Eu mesmo não vou assumir culpa de assassino.

MULHER 3. Por bem ou por mal, se o rapaz não tivesse furado o fiscal e ameaçado o maquinista ninguém tinha entrado no trem.

HOMEM 2. Pois vá pra cadeia no lugar dele. Chegando lá vão querer prender qualquer um que seja, pra prestar conta da morte./

HOMEM 3. (*corta*) Quem matou fui eu. Eu assumo a morte do fiscal. Sou homem. Não escondo o que faço.

Silêncio.

PAI DA CRIANÇA. Quando chegar em Fortaleza o senhor procure o povo do jornal. Diz que eles ajudam. O fiscal puxou a arma, ia atirar. Todo mundo viu. O senhor estava certo de furar ele. Foi justo.

MULHER 3. Deus lhe proteja. Não fosse o senhor, lá mesmo em Senador Pompeu nós tinha ficado preso.

VELHA DOENTE. Deus lhe proteja! Deus e Nossa Senhora e meu Padim Pade Ciço.

TODOS. Amém.

PAI DA CRIANÇA. O fiscal vai se salvar. Pode ter certeza. Foi só o susto.

BÊBADO 1. Deus que me livre de um susto desse!

Risos.

PAI DA CRIANÇA. Além do mais, chegando em Fortaleza ninguém vai ter como lhe reconhecer.

HOMEM 3. Por que?

PAI DA CRIANÇA. Por que agora nós tem tudo a mesma cara.

O apito do trem.

Cena 3

*Fortaleza, carnaval de 1932. Sala de estar de uma casa abastada.
A família de um médico (sua esposa e um casal de filhos), depois o próprio médico.*

A esposa do médico arremata no corpo da filha a costura de um vestido verde esmeralda, enquanto o filho lê um jornal.

FILHA. Queria que vocês vissem. Estava cheio. Abarrotado. Juro. Juro por Deus. Não dava nem pra acreditar no tanto de gente. Todo mundo cantando. A coisa mais linda. E todo enfeitado, tipo um balão daqueles assim. Como é o nome? *(nenhuma resposta)* Como é, mãe, o nome?

MÃE. Do quê?

FILHA. Daquele balão assim.

MÃE. E existe balão assim?

FILHA. O grande, com a cabine embaixo.

Percebendo a mãe sem resposta, o filho deixa por um instante o jornal de lado e responde:

FILHO. Zepelim.

FILHA. É! Zepelim. Fizeram um negócio em volta do carro, assim. Parecia um Zepelim. A senhora ia achar lindo.

MÃE. Eu ia ter medo. Um negócio desse em tempo de quebrar, de causar um acidente.

FILHA. Não tem perigo nenhum. A senhora devia ter ido.

MÃE. Seu pai não estando comigo, eu não gosto de sair. Depois, o curso lá na Major Facundo eu já conheço. Já vi mais de uma vez.

FILHA. Mas todo ano muda.

MÃE. Muda, mas é parecido. E todo mundo diz que só faz piorar.

FILHA. Eu gosto. Meu tio disse que se ano que vem a gente quiser pode sair com eles no “Eu Quero É Brincar”.

MÃE. Levanta. Deixa eu ver como ficou na cintura.

FILHA. Está bom.

MÃE. *(examina o vestido mais a fundo)* Está muito cintado.

FILHA. Não. Está bom.

MÃE. Vou afrouxar.

FILHA. Não! Está bom...

MÃE. Não está bom nada. Não sabe como é esse povo? Gente de dinheiro é quem repara mais. Vão pro Baile da Esmeralda só pra falar mal da roupa dos outros: se não estava da cor certa, se estava muito decotado, se estava cintado demais...

FILHA. Se a senhora mexer vai piorar. Olha aqui. Está sobrando.

MÃE. Se seu pai reclamar, não vou me meter.

FILHA. *(para o irmão, interrompendo-lhe a leitura)* Ficou bonito?

O irmão retoma a leitura, sem responder.

FILHA. *(sem se deixar abater)* Já pensou, mãe, se eu for eleita a fada do carnaval?

FILHO. Por que vocês não vão conversar lá fora?

FILHA. E por que você não vai ler lá fora?

MÃE. *(para o garoto)* E afinal, o que você tanto lê?

FILHO. Jornal.

MÃE. Cuidado. É do seu pai.

FILHO. Não estou amassando nem nada. Ele sabe que eu leio. Ele deixa. *(após uma pausa)* Pelo menos eu fico em casa, lendo. Ela sai pra brincar carnaval e a senhora não diz nada.

FILHA. Meu pai deixou.

FILHO. Deixou comprar lança-perfume, também?

MÃE. Acabou-se a conversa. Eu não quero briga!

Silêncio.

FILHO. A senhora só reclama de mim.

MÃE. Não estou reclamando de nada. *(após uma pausa)* Você tem esse seu jeito de falar. Parece que está julgando todo mundo. Por isso é que vez por outra seu pai perde a cabeça.

FILHO. Não estou fazendo nada de errado...

MÃE. Não é questão de certo ou de errado. Ele já pediu pra você parar de ler o monte de besteira que anda lendo. Você escuta? Não.

FILHO. O que eu ando lendo não é um monte besteira.

MÃE. Está vendo?

FILHO. O quê?

MÃE. O seu jeito de falar.

*O filho vai responder, mas se controla.
Silêncio.*

MÃE. E, aliás, o que tanto lhe interessa aí nesse jornal?

FILHO. A senhora está perguntando porque quer saber ou é pra me vigiar?

MÃE. Quero saber.

FILHO. (*lendo o jornal*) Os flagelados estão assaltando os trens. Em Praiano atacaram um comboio, armados de cacetes e ferramentas. Os famintos já se desesperaram e estão lançando mão de todo tipo de ato como meio de solução para a fome que os devora. Cenas impressionantes como estas, resultantes da grande crise de chuvas em 1932, nos são contadas diariamente/

MÃE. (*interrompe*) Eu sabia...

FILHO. Sabia o quê?

MÃE. O tempo todo essa conversa! Você fica aprendendo isso pra depois afrontar seu pai. Como se a gente já não desse nossa ajuda. Como se seu pai agora mesmo não estivesse lá no areal do Pirambu, trabalhando, fazendo caridade. Ele ganhava mais ficando na cidade, que é onde tem quem pague por médico, mas está lá, ajudando, sem ganhar nada.

FILHO. Desde quando?

MÃE. Desde ontem.

FILHO. Por que não começou antes?

MÃE. Vai culpar seu pai por isso?

FILHO. Não estou culpando ninguém.

FILHA. Mas daqui a pouco começa.

FILHO. Queria ver você no lugar deles.

MÃE. Vira essa boca pra lá, menino!

FILHO. Queria ver se fosse a gente.

MÃE. Deus nos guarde!

FILHO. Depois a senhora pergunta a meu pai como é a vida num areal desses. Quando ele chegar, a senhora pergunta.

Entra em casa o pai. Chega de meias, sem os sapatos, senta-se numa cadeira.

FILHA. A bênção, meu pai.

FILHO. A bênção, meu pai.

*O pai abençoa os filhos com um gesto.
Silêncio.*

MÃE. Vou botar seu jantar.

PAI. Não.

MÃE. Não está com fome?

Ele faz que não.

MÃE. E está sem sapato por que?

PAI. Deixei lá fora. *(para o filho)* Pegue a cachaça de seu pai.

O garoto olha para a mãe.

PAI. Ande. Vá...

O filho sai.

MÃE. Não comeu nada e já vai beber?

*Nenhuma resposta.
O filho entra e entrega ao pai uma garrafa e um copo. O pai serve uma dose de cachaça e esvazia o copo num gole.*

FILHA. Está tudo bem, pai?

Silêncio.

PAI. *(para sua esposa)* Bote depois o sapato num saco e amarre. Dê pra alguém que precise, na rua, mas não traga pra dentro de casa. *(indica a roupa que está vestindo)* Essa roupa, depois você ferve.

*Ele se serve de outra dose de cachaça e outra vez esvazia o copo num gole.
Silêncio.
Ele serve outra dose de cachaça, mas dessa vez usa o líquido para desinfetar as mãos e os braços. Por fim, se levanta e sai.
Longo silêncio.*

Cena 4

*Fortaleza. Interventoria do Estado do Ceará. Sala contígua a um salão nobre.
Dois funcionários públicos.*

Um dos funcionários vigia uma mesinha móvel com um serviço de café. Passado algum tempo entra um colega que o cumprimenta.

FUNCIONÁRIO 1. Tudo em ordem?

O colega aquiesce.

FUNCIONÁRIO 1. (*indicando as xícaras*) Será que dá pra todo mundo?

FUNCIONÁRIO 2. Acho que dá.

FUNCIONÁRIO 1. São quantos?

FUNCIONÁRIO 2. Nem deu pra contar direito.

FUNCIONÁRIO 1. Eu vi de longe, quando passaram: uns dez.

FUNCIONÁRIO 2. Dez ou mais.

Funcionário 1 conta as xícaras na mesinha.

FUNCIONÁRIO 1. Deve dar.

Silêncio.

FUNCIONÁRIO 1. Começou faz tempo?

FUNCIONÁRIO 2. Mais de uma hora.

FUNCIONÁRIO 1. E ainda não pediram o café?

O colega faz que não.

FUNCIONÁRIO 1. Então é sério, mesmo. Quem está aí?

FUNCIONÁRIO 2. Todo mundo. Até doutor Carneiro.

FUNCIONÁRIO 1. Sério?

O colega aquiesce.

FUNCIONÁRIO 1. E é reunião de quê?

FUNCIONÁRIO 2. Estão vendo o que se faz com esse monte de flagelado.

FUNCIONÁRIO 1. Não sei pra quê tanta reunião. Toda vida a mesma coisa: vira, mexe, diz isso, diz aquilo... No fim, acabam mandando eles embora pro norte.

FUNCIONÁRIO 2. Dessa vez, não. Vão parar de distribuir passagem. Já pararam.

FUNCIONÁRIO 1. Por que?

FUNCIONÁRIO 2. Esse povo indo pro Pará, pro Maranhão, no que acaba a seca a maioria fica por lá, nunca mais volta.

FUNCIONÁRIO 1. E queriam que voltassem?

O colega dá de ombros.

FUNCIONÁRIO 1. Querer que depois de tudo ainda voltassem...

Funcionário 1 ri, seu colega o acompanha.

FUNCIONÁRIO 1. Cada uma...

Silêncio.

FUNCIONÁRIO 1. (*indicando a mesinha*) Esse café vai esfriar.

FUNCIONÁRIO 2. Mas se eles não pedem...

FUNCIONÁRIO 1. É. Se não pedem, deixa aí. (*indica, na mesinha, uma bandeja coberta por uma toalha*) E o que é que tem aí embaixo?

FUNCIONÁRIO 2. Sequilho.

FUNCIONÁRIO 1. De goma?

O colega aquiesce.

Funcionário 1 espia embaixo da toalha e tira alguns sequilhos.

FUNCIONÁRIO 2. (*assustando-se*) Cuidado! (*apressa-se em cobrir a bandeja*) Se te pegam mexendo na comida deles, já viu.

FUNCIONÁRIO 1. (*mostrando os sequilhos*) Só peguei três. (*come um deles*) Está bom. Quer um?

O colega faz que não.

Funcionário 1 dá de ombros, acaba de comer seus sequilhos, vai até a mesinha e começa a servir uma xícara de café.

FUNCIONÁRIO 2. (*tentando, em vão, impedi-lo*) Ei!

FUNCIONÁRIO 1. Que foi?

FUNCIONÁRIO 2. Está doido?

FUNCIONÁRIO 1. Por que?

FUNCIONÁRIO 2. E se faltar xícara?

FUNCIONÁRIO 1. E eu por acaso vou jogar essa fora?

FUNCIONÁRIO 2. Mas suja.

FUNCIONÁRIO 1. Eu limpo.

Funcionário 1 acaba de tomar seu café. Olha em volta, certifica-se de que ninguém se aproxima e limpa a xícara na toalha da mesinha. O colega, a esta altura já bastante contrariando, deixa escapar um gesto de impaciência.

FUNCIONÁRIO 1. *(tentando amenizar a situação)* Não vão nem notar...

FUNCIONÁRIO 2. Depois sobra pra mim!

FUNCIONÁRIO 1. *(indica a toalha, agora suja de café)* Pronto. Quem vê diz que foi café que escorreu do bule. *(após uma pausa)* Também não precisa ficar me olhando assim! Usei uma xícara, pronto! Não sou doente!

FUNCIONÁRIO 2. Se fosse, não tinha problema: o que não falta aí é médico.

FUNCIONÁRIO 1. Tem médico aí no meio?

FUNCIONÁRIO 2. Uns quatro.

FUNCIONÁRIO 1. Então já dou por visto a conversa.

FUNCIONÁRIO 2. Por que?

FUNCIONÁRIO 1. Não lê jornal, por isso é que não sabe de nada.

FUNCIONÁRIO 2. Não vai contar?

FUNCIONÁRIO 1. Estão querendo fechar de novo as areias.

FUNCIONÁRIO 2. Fechar como?

FUNCIONÁRIO 1. Fechar. Não lembra a seca do quinze? Pois então? Igual. Estão querendo mandar prender esse povo. Campo de concentração.

FUNCIONÁRIO 2. Sério?

FUNCIONÁRIO 1. Se está duvidando, leia o jornal.

FUNCIONÁRIO 2. Então é melhor mandar logo matar, porque é prender esse povo e a varíola começar a se alastrar.

FUNCIONÁRIO 1. Por isso que eu não dou confiança a médico.

Silêncio.

Funcionário 1 cutuca o colega e indica a sala de reunião.

FUNCIONÁRIO 1. Estão chamando.

O colega olha para a sala ao lado, constata que é sua hora.

FUNCIONÁRIO 2. Vou lá

Funcionário 2 vai em direção à sala de reunião, empurrando a mesinha.

FUNCIONÁRIO 1. Espera aí!

No que o colega pára, ele vai até mesinha e tira mais alguns sequilhos.

FUNCIONÁRIO 2. (tentando impedir) Não...

Funcionário 1 é mais ágil, consegue tirar alguns sequilhos da bandeja.

FUNCIONÁRIO 1. (rindo) Estão esperando! (indicando os sequilhos) Eu guardo um pra você.

O colega sai, com a mesinha.

Um tempo.

O colega volta.

FUNCIONÁRIO 1. (oferecendo o sequilho que prometeu guardar) Toma.

Funcionário 2 recebe o sequilho, mas não come.

Silêncio.

FUNCIONÁRIO 1. Que cara é essa?

FUNCIONÁRIO 2. Já resolveram. Vão mandar fechar as areias, prender os flagelados. Vai ter mesmo Campo de Concentração.

Cena 5

Campo do Urubu, Fortaleza.

Um médico, dois soldados e um rapazinho débil mental, depois a madrinha deste (uma benzedeira).

Sob o olhar vigilante de um médico, dois soldados tentam, a força, dominar um rapaz de barba crescendo e de cabelos desalinhados um tanto longos.

O rapaz não fala propriamente, não articula claramente palavras, mas grunhe enquanto se debate na tentativa de se desvencilhar.

SOLDADO 1. Calma, rapaz! Tenha calma! Se estribuchar é pior.

SOLDADO 2. Segura! Se deixar, ele escapole.

SOLDADO 1. *(para o rapaz)* Deixe de agonia, senão vamo lhe amarrar, feito um bezerro.

O rapaz redobra as forças, tentando fugir.

MÉDICO. Pode amarrar. Cadê a corda?

Os soldados se entreolham.

MÉDICO. A corda. Cadê?

SOLDADO 1. Acharo que não precisava.

MÉDICO. Eu disse pra trazer.

SOLDADO 2. É que estamos tentando resolver sem alarido.

MÉDICO. E isso é sem alarido?

SOLDADO 1. Ele é doido.

O rapaz, num rompante, quase escapa.

MÉDICO. Segura!

SOLDADO 1. Segura aí!

O rapaz é detido outra vez.

SOLDADO 2. Pronto, daqui não solta mais.

MÉDICO. Passe logo a navalha.

O rapaz retoma seu desespero na tentativa de fugir.

SOLDADO 1. *(para o rapaz)* Fique quieto, senão vai sangrar muito.

O rapaz não se contém e é reprimido com um excedente de força dos soldados.

SOLDADO 1. Nós vamo segurar e o senhor passa a navalha, doutor.

MÉDICO. Não! Vocês.

SOLDADO 1. Mas como?

MÉDICO. Sente em cima dele que você fica com a mão livre. Segure com a perna.

O soldado segue a instrução do médico.

SOLDADO 1. Assim?

MÉDICO. É. *(entregando-lhe uma navalha)* Pega.

SOLDADO 1. *(ainda para o médico)* Tem algum restinho d'água pra ir limpando o sangue?

O Médico faz que não.

SOLDADO 1. E faz como?

MÉDICO. Do jeito que der.

No que o soldado vai começar a raspagem da barba do rapaz, este começa a se debater, em pânico. A seus gritos se ajunta então a voz de uma mulher idosa, que entra carregando consigo uma grande sacola surrada na qual traz algumas garrafas de vidro. Ela entra aflita e alvoroçada. Vem a socorro do rapaz, resmungando algo ininteligível. Chega empurrando e estapeando os soldados que, ao verem-na, largam o garoto.

MÉDICO. *(para os soldados)* O que é isso?

Os soldados se esquivam.

Ela senta-se no chão e toma no colo o rapaz, que começa a choramingar. Inicia então uma ladainha que também não conseguimos compreender.

MÉDICO. *(para os soldados)* Por que soltaram?

Os soldados não respondem. A benzedeira faz o sinal da cruz, indicando o fim da prece. O garoto já se acalmou, em seu colo.

SOLDADO 2. É ela doutor...

MÉDICO. Quem?

SOLDADO 2. A que o senhor perguntou.

MÉDICO. Essa aí?

O soldado faz que sim. O médico se achega da velha e do garoto.

MÉDICO. A senhora fique tranqüila. Ninguém ia fazer mal a ele.

A benzedeira murmura ao médico um vitupério ininteligível.

MÉDICO. Mas ele vai ter que raspar a cabeça e a barba.

BENZEDEIRA. Agoniando o menino... Deixe ele em paz.

MÉDICO. Ele é homem. A ordem é raspar.

BENZEDEIRA. Ordem de quem?

MÉDICO. Minha. Ele tem mais piolho que todo mundo aqui.

BENZEDEIRA. Não se encosta mais nele. Já agoniaram demais o menino. Acabou-se.

MÉDICO. É pro bem dele.

BENZEDEIRA. O senhor devia ter vergonha. Batendo a cabeça do menino no chão porque ele não se defende.

MÉDICO. Se deixar ele assim, vai aumentar esse monte de ferida. Raspando a gente tem como tratar.

BENZEDEIRA. Batendo no filho alheio. Não é filho de vocês, vai bater por que? Se não criaram ele, então não bata. O menino não faz nada a ninguém. Por que é que bate? O menino não é desordeiro. Não é de arruaça. Por que bate?

MÉDICO. Estamos querendo ajudar.

BENZEDEIRA. *(indicando o rapaz ainda alterado)* Está aí a ajuda.

MÉDICO. Esse rapaz é o quê seu?

BENZEDEIRA. Só sabem fazer ruindade...

MÉDICO. Estou fazendo uma pergunta. Esse rapaz é o quê seu?

BENZEDEIRA. Filho.

MÉDICO. *(incrédulo)* Filho?

Ela não responde.

MÉDICO. Não está vendo que isso não tem cabimento?

BENZEDEIRA. Minha resposta eu já dei. Está dada. É uma só.

MÉDICO. *(para os soldados)* Pensei que o doido fosse o rapaz.

BENZEDEIRA. É meu afilhado.

MÉDICO. E por que não disse logo?

BENZEDEIRA. Afilhado é mesmo que filho, quando os pai morre. É meu filho, na vontade de Deus.

O médico se aproxima mais da velha e do rapaz, o rapaz se mostra mais nervoso com esta aproximação, se agarra na madrinha.

MÉDICO. Não vou encostar em você.

O rapaz se acalma um pouco.

MÉDICO. Todo mundo aqui confia muito na senhora... Eu já ia lhe procurar de qualquer jeito, pra pedir sua colaboração, sua ajuda. É que a senhora está piorando a situação deles.

BENZEDEIRA. Meu mandado no mundo é ajudar, é curar com a graça de Deus. Mal a ninguém eu não faço.

MÉDICO. A senhora diz a eles pra não tomarem vacina. Já andaram até escondendo criança com sarampo.

BENZEDEIRA. Mal a ninguém eu não faço.

MÉDICO. Acontece que se não tomarem a vacina vai morrer muita gente.

BENZEDEIRA. Se é tão bom, porque o senhor não toma?

MÉDICO. Já tomei. E acabei de vacinar seu afilhado também.

O menino mostra à velha o braço. A madrinha é rápida: tira do saco um trapo, amarra o braço do menino acima da marca da injeção, chupa repetidamente a picada e cospe, enquanto murmura sua reza ininteligível. Tira então do saco algumas folhas, amassa-as e esfrega-as no braço do rapazinho, na marca da vacina. O menino chora, a velha o abraça.

MÉDICO. A senhora devia agradecer que o menino está vacinado.

BENZEDEIRA. Vamo ver se vocês vão matar esse aqui!

A velha se prepara para sair, levando o rapaz, mas o médico a interpela, fazendo-a parar.

MÉDICO. A senhora querendo, pode até ir embora, mas ele fica.

BENZEDEIRA. Já judiaram demais dele. Vão querer mais o quê?

MÉDICO. Ele não pode ir com a senhora. Se não é seu filho tem que ficar no pavilhão de solteiro.

BENZEDEIRA. É mesmo que ser meu filho.

MÉDICO. Ele vai pro pavilhão de solteiro.

Por um tempo, a velha não diz nada. Só enfrenta o médico com o olhar.

SOLDADO 2. Deixe ela ir, doutor. Depois se ajeita.

BENZEDEIRA. Cabelo dele é de luto. Promessa. O cabelo e a barba. Não pode raspar.

MÉDICO. Mas vai.

Outra vez, a velha enfrenta o médico com o olhar.

SOLDADO 1. Deixe, doutor. Se é promessa, não é bom mexer.

MÉDICO. *(para a benzedeira)* Eu deixo ele ficar com a senhora. Mas pra isso, a senhora vai ter que me ajudar. Diga a esse povo daqui pra tomarem a vacina. É pro bem deles, que eu estou pedindo.

A velha continua silenciosa.

MÉDICO. Estou pedindo um favor.

BENZEDEIRA. O senhor quer ajudar eles, eu também quero. Estou nesse mundo pra tratar, pra curar os doente com a ajuda de Deus, já disse. É meu mandado. Mas Deus não ensinou ninguém a se vacinar.

MÉDICO. A senhora que ver essa gente toda morrer?

BENZEDEIRA. Esconjuro.

MÉDICO. E vai curar esse povo como?

A velha não responde.

SOLDADO 2. Ela tem uma água. O povo está dizendo que é santa.

MÉDICO. Água santa? Não vão tomar vacina confiando em água santa?

Os soldados se calam.

BENZEDEIRA. O tempo da vida e o tempo da morte estão na mão de Deus, doutor. Além do mais não tem ninguém aí morrendo de sarampo. Morrem mas é de fome, de fome e de tristeza. O senhor tem estudo, muito bem, mas lhe falta o entendimento de muita coisa. Aí aparece com esse veneno, quer o quê?

MÉDICO. É vacina.

BENZEDEIRA. Pra nós é veneno.

MÉDICO. *(para os soldados)* Segura o rapaz!

*Os soldados não atendem à ordem.
A velha ri.*

MÉDICO. Pega o rapaz ou eu boto os dois pra fora do quartel!

Os soldados não reagem.

MÉDICO. Agora!

O Soldado 2 vai se aproximar do rapaz, mas o Soldado 1 o detém.

O Soldado 2 se aproxima da mulher e do rapaz, mas o Soldado 1 o detém.

MÉDICO. Que é isso, soldado?

SOLDADO 1. Minha filha, doutor. Aquela menina cega que eu trouxe pro senhor ver. Ela curou a menina com a água. Agora a menina enxerga tudo.

MÉDICO. *(após uma longa pausa)* Ou pegam o rapaz ou vão os dois pra fora.

A benzedeira continua protegendo o afilhado.

SOLDADO 1. *(para a benzedeira)* Por favor, dona. Senão eu perco meu trabalho.

A benzedeira afasta-se do afilhado.

Os policiais avançam para o rapaz, que volta a espernear e a gritar enquanto o levam embora, sob o olhar atento do médico e da benzedeira.

Cena 6

*Próximo aos banheiros do Campo do Pirambu, em Fortaleza.
Três flagelados, depois outras duas (mãe e filha); por fim, três militares e um flagelado promovido a patrulha.*

Três flagelados, em meio a uma crise de riso, riso de piada boa. Aos poucos, vão se contendo, mas Flagelado 1 volta a rir com gosto e o riso contagia outra vez seus amigos.

FLAGELADO 3. *(contendo-se)* Melhor parar... Comida é coisa sagrada, não é pra farra. Nem eu gosto de piada com a mãe dos outro. Mãe também é coisa santa.

FLAGELADO 1. Besteira, homem. Enquanto tiver força pra rir é que ainda não morreu.

Silêncio.

FLAGELADO 2. Vocês viram que ontem distribuíram cachaça?

FLAGELADO 1. Cachaça? Ora se vão dar cachaça a nós!

FLAGELADO 3. Era só pros patrulha. Um tanto assim. Bem dizer um litro. *(para Flagelado 1)* Aquele galeguinho que trabalhava mais nós na marcenaria passou aí todo prosa, todo calçado de bota, mostrando a quartinha cheia de cana.

FLAGELADO 2. E se te chamassem?

FLAGELADO 3. O quê?

FLAGELADO 2. Se te chamassem pra entrar na patrulha?

Flagelado 3 não responde.

FLAGELADO 1. Ele ia.

FLAGELADO 3. Pois ia mesmo. Qual é o problema?

FLAGELADO 1. *(para Flagelado 2)* Viu? O olho chega brilha. Cada um que salve o seu.

FLAGELADO 3. Mas nunca que eu ia faltar com um amigo. Se me dessem cachaça, eu chamava vocês, nós dividia, proseava junto, tomava um trago.

FLAGELADO 1. Só eu vendo...

FLAGELADO 3. Pra tu, ninguém presta! Se digo que não ia fazer igual aos outro é porque não ia.

FLAGELADO 1. Se já está dando ordem em nós agora, quem dirá se fosse patrulha!

FLAGELADO 3. Não estou dando ordem a ninguém. Pedi pra parar com o riso porque, no meu ver, está errado fazer troça de coisa santa.

FLAGELADO 1. E eu tenho culpa que era a mãe dela?

Voltam Flagelado 1 e Flagelado 2 a rir. O terceiro não consegue segurar por muito tempo o ar de contrariado e, por fim, também cede ao riso.

Meio à parte, aparece uma senhora com uma garota, sua filha. Elas não dão atenção à troça dos gaiatos, mas a chegada das mulheres drena o riso.

FLAGELADO 1. Boa tarde.

A mulher não diz nada.

FLAGELADO 1. *(para Flagelado 2)* Cuidado: é mulher casada.

MULHER. Viúva.

Os homens mudam de semblante com esta notícia.

FLAGELADO 1. *(fazendo o sinal da cruz)* Deus o tenha.

Os outros também fazem o sinal da cruz e comunicam seus pêsames:

FLAGELADO 3. Deus o tenha.

FLAGELADO 2. Deus o tenha.

Uma pausa.

FLAGELADO 3. Sente aí, cumade. Estamos aqui de prosa, conversando.

MULHER. Não senhor. Ninguém quer prostrar, não. Pode deixar. Estamos bem de pé.

FLAGELADO 3. *(após uma pausa)* O finado seu esposo era homem bom. Trabalhou comigo. Ficamos um tempo na funilaria, não foi? Eu lembro. Muito ordeiro. Bom, mesmo. Homem bom. Mas é muita doença, muita coisa... Deus o tenha.

Ela faz o sinal da cruz, os outros acompanham.

Há um breve silêncio, e então Flagelado 2 ri, de repente, num rompante. Mas rapidamente consegue prender o riso.

FLAGELADO 2. A senhora desculpe, viu? Não é faltando com o respeito, não senhora. É que eu lembrei duma coisa.

GAROTA. Do quê?

A mulher repreende a intromissão da filha com um safanão.

FLAGELADO 1. *(respondendo à menina)* Nada. É que eu estava contando um história, um negócio que aconteceu/

Ele não consegue terminar a frase: gargalha. Com ele passam a rir os dois outros flagelados e a menina e, aos poucos, também a senhora compartilha o riso, que finalmente esvanece. Silêncio.

MULHER. *(para a filha, fazendo menção de ir embora)* Vamo.

FLAGELADO 2. Fique aí, cumade.

A mulher recusa o pedido com um aceno de cabeça.

MULHER. *(para a menina)* Vamo.

FLAGELADO 3. A senhora ficou sentida?

MULHER. E tem lá motivo pra estar sentida?

Vão saindo as duas.

FLAGELADO 1. Espere aí, dona.

Elas param.

FLAGELADO 1. Agora que— assim— agora que a senhora está viúva, a senhora precisando de alguma ajuda, ou sua filha— precisando, qualquer coisa, pode falar.

Ela não responde. Segue com a filha. Estão prestes a sair quando se ouve a aproximação de outros homens em troça. As mulheres param para ver quem chega: são três soldados (um deles de patente mais alta) e um flagelado incorporado ao serviço de patrulha do campo, que não veste farda nem porta arma de fogo, mas que calça bota e que, como seus colegas, está de posse de um porrete de madeira.

Quando estes homens vêem os flagelados, ficam sérios.

SARGENTO. E que marmota é essa aqui? É festa?

Ninguém responde.

SARGENTO. Estão fazendo o quê?

FLAGELADO 3. Nada, não senhor.

SARGENTO. Pois então vão pra outro canto, que se não estão fazendo nada já estão errado. Por que não estão trabalhando?

FLAGELADO 3. Pararam a oficina. Faltou gás. O trabalho só segue amanhã, clareando o dia.

SARGENTO. Pois vão embora. Anda. Vão arranjar molecagem noutra canto.

FLAGELADO 3. *(para os amigos)* Vamo.

FLAGELADO 1. *(detendo os outros dois)* Não. *(para os militares)* Ninguém está fazendo nada de errado.

SOLDADO 1. Que conversa é essa rapaz? Está falando com quem?

SARGENTO. Deixa. *(para o flagelado)* Tu trabalha onde, rapaz?

O flagelado não responde.

PATRULHA. Responde, homem! Trabalha onde?

O flagelado não responde.

PATRULHA. *(cutucando-o com o porrete)* Responda ao sargento!

O flagelado reage: segura a ponta do porrete e encara o patrulha.

PATRULHA. *(tentando não se intimidar)* O sargento perguntou onde tu trabalha.

FLAGELADO 1. Tu sabe. Tu trabalhava lá mais eu até um dia desse. Pois ainda estou no mesmo canto.

Os outros militares riem. O Patrulha puxa o porrete das mãos de Flagelado 1.

SOLDADO 2. *(para o patrulha)* Vai deixar por isso?

FLAGELADO 2. Já estamo indo embora. *(para Flagelado 1)* Anda.

FLAGELADO 1. *(resistindo aos companheiros que tentam conduzi-lo para fora, fala para o Patrulha)* Veja aí se no cabo desse porrete, no fundo, não tem uma estrela de cinco ponta.

O Patrulha verifica o cabo do porrete.

FLAGELADO 1. Pois bem: Fui eu que fiz esse porrete aí na sua mão. *(para o Sargento)* Trabalho na marcenaria, sim senhor.

FLAGELADO 2. Nós tudo trabalha lá.

SARGENTO. Atrevimento tem preço, sujeito. Custava ter respondido, sem fazer graça? Estamo aqui pra ajudar a botar ordem no campo. Ninguém quer confusão. Estão tudo trabalhando na marcenaria, muito bem, mas pra eu botar vocês num serviço pior é fácil. Aqui ninguém dá trela a gente atrevida. Malandro pra mim é no cabresto curto.

SOLDADO 2. A delegacia está cheia, mas o senhor querendo nós prende ele no sebo.

SARGENTO. *(para Flagelado 1)* Quer ir pro sebo, sujeito?

Nenhuma resposta.

SARGENTO. Tua sorte é que tem navio chegando no Mucuripe. Qualquer hora entra aí turista, jornalista, o cão que o valha e aí tu estando no sebo é complicação pra nós. *(para o Patrulha)* Corte o nome dele da lista da comida. Dois dias.

PATRULHA. Sargento... Ele tem família. Mulher e uma menina pequena, de braço.

SARGENTO. *(para Flagelado 1)* Tu não pensa nelas não?

Flagelado 1 não responde.

FLAGELADO 2. *(tentando puxar consigo o amigo)* Vamo embora.

Flagelado 1 se desvencilha.

FLAGELADO 3. *(ainda para o amigo, em quase sigilo)* Pelo amor de Deus...

Flagelado 1 outra vez se desvencilha.

SARGENTO. Que é que tu ainda tem pra dizer?

Flagelado 1 não responde.

SARGENTO. *(saca o revolver, sem apontar)* Quer conversar, se conversa.

Flagelado 1, que estava resoluto, hesita. Por fim, decide-se por ir embora. Saem os três amigos mas, no caminho, Flagelado 1 ainda se dirige à mulher e à mocinha:

FLAGELADO 1. Vocês não vêm?

SARGENTO. Não. Elas ficam. Não estavam fazendo arruaça, não têm porquê sair.

Os flagelados saem.

SARGENTO. Cada uma... *(para a mulher, indicando os soldados e o patrulha)* É esses três?

MULHER. É, sim senhor.

SARGENTO. Pois vamo logo ajeitar isso.

MULHER. O senhor escolheu um?

SARGENTO. Olhe, minha senhora, eu não sou de me meter em conversa de soldado. Se está a meu serviço é porque eu confio, mas já vieram os três me azucrinar o juízo por conta do negócio que vocês acertaram. Não gosto de jogo no serviço, menos ainda se for de carta e muito menos ainda se for apostado. Deixo jogarem porque todo mundo precisa de folga, mas gostar eu não gosto, porque canalhice eu não admito, a senhora sabe. Não sabe?

MULHER. Sei, sim senhor.

SARGENTO. Pois estão aí os cabra, a senhora é que vai escolher.

A Mulher não diz nada, não parece entender a situação.

SARGENTO. Estavam querendo resolver na aposta quem ia levar, mas isso eu não tolero. É a senhora que resolve quem vai.

Silêncio.

SARGENTO. Vamo logo que ninguém tem o dia todo.

Silêncio.

SARGENTO. Se a senhora não escolher um, vão os três. E o dinheiro é só esse mesmo, é o dinheiro da banca que os três botaram. Está na minha mão.

O Sargento mostra o dinheiro.

SARGENTO. A senhora querendo, eu desmancho o negócio. Quer acabar logo de vez com essa conversa?

A Mulher faz que não.

SARGENTO. Pois então escolha!

A mulher aponta o Soldado 2.

SARGENTO. (para Soldado 2) Pode ir.

SOLDADO 2. (após alguma hesitação) Aqui?

SARGENTO. No banheiro dos homens. Não vamo deixar ninguém entrar. Pode ir sem medo.

MULHER. Pois o senhor me dê logo o dinheiro.

SARGENTO. Depois. (para o Soldado 2) Vá.

Soldado 2 se dirige ao banheiro, mas quando está prestes a sair, pára e se volta para as mulheres.

SOLDADO 2. Ela não vem?

Mãe e filha se olham, a mulher acena para a menina com a cabeça e a garota sai, acompanhando Soldado 2.

Silêncio.

SOLDADO 1. Vamo esperar aqui?

SARGENTO. Melhor.

Silêncio.

Ouve-se um grito da menina. Um grito prontamente abafado, como se a boca dela fosse fechada por uma mão forte. Soldado 1 e Patrulha se entreolham e esboçam uma risada. O Sargento faz sinal para que se controlem.

A Mulher meio que vai rumo ao local onde está a filha, o Sargento a detém:

SARGENTO. Espere aqui.

Esperam.

Após algum tempo, ouve-se então outro grito abafado da menina. Os soldados acham graça.

SARGENTO. Cala a boca os dois!

Os soldados se calam.

SARGENTO. (para a mulher) Pegue aqui o dinheiro.

Entrega o dinheiro à mulher.

SARGENTO. Espere aqui até eles voltarem!

Saem os três homens.

Mesmo ansiosa, a mulher obedece à ordem do Sargento.

Ouvem-se ainda alguns gritos abafados da menina e, por fim, um silêncio.

Passado algum tempo, volta Soldado 2.

SOLDADO 2. Ela disse pra tu esperar, que daqui a pouco ela vem.

Soldado 2 sai.

Passado um tempo, volta Flagelado 1 e se aproxima à mulher.

MULHER. Está querendo o quê! Não já te mandaram embora?

FLAGELADO 1. *(após uma pausa)* Agora, ela não sendo mais moça, o que é que tu quer pra eu deitar mais ela?

Silêncio.

Cena 7

Campo de Concentração do Buriti, Crato.

Um padre, três músicos com seus instrumentos (sanfona, zabumba e triângulo), depois um soldado, uma mulher e, por fim, mais flagelados e um outro soldado.

Um padre conversa com três flagelados, músicos, que estão se preparando para tocar.

SANFONEIRO. Se preocupe não, padre. No fim dá certo. Não tem o bem que nunca acabe, nem o mal que sempre dure.

PADRE. *(após uma pausa)* Eu vou embora.

TRIÂNGULO. Não, padre! Que é isso? Fique aí.

PADRE. Vim ver se ajudava, mas não posso fazer mais nada.

TRIÂNGULO. O senhor não foi lá? Não conversou com ele?

O padre aquiesce.

TRIÂNGULO. Pois já foi de muita ajuda.

PADRE. Quando eu soube que tinham botado um homem no sebo eu vim, pra ver se conseguia soltar. Adiantou de quê? Continua lá, preso.

SANFONEIRO. O senhor pelo menos tentou. De todo jeito, ele é forte. Ele agüenta.

PADRE. O roubo dele não foi crime. Tirou pouca coisa e pra comer. Isso não é crime. E aquele sebo parece mais é cercado de botar bicho, não é pra gente.

SANFONEIRO. E por acaso esse curral onde prenderam nós é diferente? É maior que o outro, mas é do mesmo jeito. É pra guardar bicho, do mesmo jeito. *(pausa)* No sertão, os bicho também ficam preso, mas nós cuida deles. Estão preso porque nós precisa deles e eles precisa de nós. E tem nosso bem-querer pela criação, mesmo quando vai matar. Aqui, não. Só isso é que muda. No resto é igual. Lá no sebo, pelo menos, quem está preso vê o lado de fora.

PADRE. Dali só se vê o mato lá atrás. O descampado.

SANFONEIRO. E daqui nem isso. Quando nós estava em Fortaleza e botaram nós pra abrir rua de pedra, eu até gostei. Pelo trabalho não, que quase eu perco esse dedo/

O zabumbeiro ri, cortando a fala do sanfoneiro.

SANFONEIRO. Está rindo de quê?

ZAMBUMBEIRO. *(tentando conter o riso)* Estou lembrando do jeito que tu tocava com o dedo esfolado...

Todos riem.

TRIÂNGULO. *(para o padre)* Nós dizia pra ele não tocar. Não tinha jeito.

SANFONEIRO. Tem que dar um jeitinho de animar... *(indica a sanfona)* Não vendi minha danada nem pra comprar comida, vou ficar sem tocar? Já perdi mulher, perdi filho, perdi tudo, vamo ficando nós dois, eu e ela.

Silêncio.

SANFONEIRO. Perdi o rumo da conversa. O que era que eu estava dizendo?

ZAMBUMBEIRO. De quando tu esfolou o dedo com a marreta.

SANFONEIRO. Não. Estava contando que quando botaram nós pra abrir rua de pedra em Fortaleza, eu até gostei, porque ao meno nós via a cara do povo, na rua, nem que fosse debaixo do sol quente e agüentando piada de soldado. Nós é gente, padre. Gente não é pra estar apinhada num troço desse. E nós, até onde eu sei, é tudo cristão. Não é bicho. Deixe ele lá no sebo olhando pro mato, pro descampado. Ele está melhor que nós. E se não está ainda vai ficar.

Os músicos riem.

PADRE. *(sem entender o motivo do riso)* Que foi?

SANFONEIRO. Nada, padre. Besteira.

O sanfoneiro começa a puxar um forró, no que é acompanhado pelos outros músicos. Logo mais, entra um soldado.

SOLDADO. (*grita*) Estão querendo ir pro sebo com o outro?

A música pára.

SOLDADO. Onde cabe um, cabe quatro.

PADRE. (*para o soldado*) Algum problema?

O soldado só agora se dá conta da presença do padre.

SOLDADO. Eu estava vigiando o prisioneiro, ouvi essa marmota, vim saber o que era.

PADRE. Eles já terminaram o trabalho. Não estão fazendo nada demais.

SOLDADO. Se o senhor diz... O senhor é que sabe.

PADRE. O preso já recebeu alguma coisa pra comer?

SOLDADO. Isso aí só quando derem a ordem, padre. Sua licença.

O soldado sai.

SANFONEIRO. O senhor estando aí eles são manso.

PADRE. E se eu não estivesse?

Silêncio.

PADRE. Antes de eu ir embora eu converso de novo com o sargento.

SANFONEIRO. O senhor indo lá de novo ele fica com raiva. É pior.

PADRE. Será? Tentei arrazoar com ele, mas ele disse que não ia tirar o homem do sebo, porque se não desse o exemplo, ia acabar faltando comida pro resto do povo.

ZABUMBEIRO. Filho de uma égua! Ele que rouba comida!

*O sanfoneiro faz um sinal para que o zabumbeiro se cale.
Silêncio.*

PADRE. É verdade?

Silêncio.

PADRE. Isso é coisa muito séria.

SANFONEIRO. Ninguém disse nada.

PADRE. Em mim vocês podem confiar.

ZABUMBEIRO. *(após uma pausa)* Eles tudo leva comida daqui. Leva pra vender.

SANFONEIRO. Padre.

O padre se vira para o sanfoneiro.

SANFONEIRO. O senhor é um homem de conhecimento, o senhor sabe como é que são as coisa do mundo. Não vá dizer por aí que ouviu isso de nós.

PADRE. De um jeito ou de outro, alguma coisa eu vou ter que fazer.

SANFONEIRO. Como eu disse: o senhor é um homem de conhecimento. O senhor pensa bem e aí depois faz o que o senhor quiser. Mas antes o senhor pensa.

ZABUMBEIRO. Vá qualquer dia na cozinha, padre. Chegue, como quem não quer nada, e entre. Entre lá, que eu garanto que o senhor nunca mais esquece do inferno. Os capeta pelo meno já estão lá, e de avental vermelho, pra piorar.

Os músicos riem.

SANFONEIRO. Que cara é essa, padre? Não sabe como é as coisa de Deus? As coisa de Deus é assim mesmo: nós peleja, peleja e não entende.

PADRE. Deus nunca pregou injustiça.

SANFONEIRO. Se o senhor está dizendo...

TRIÂNGULO. Lá vem!

Entra uma mulher.

MULHER. A bênção, padre.

PADRE. Deus a abençoe.

Silêncio.

PADRE. Estive no sebo. Falei com seu marido.

MULHER. Como ele está?

PADRE. Bem.

MULHER. *(para o Sanfoneiro)* E vai ficar melhor, não vai?

SANFONEIRO. Com fé em Deus, já não tarda.

MULHER. Há de dar certo.

PADRE. Há de dar certo o quê?

SANFONEIRO. Vumbora!

*O sanfoneiro começa a tocar e os outros músicos o acompanham.
A música segue com vigor aumentado. Alguns flagelados vão se achegando.
Passado um tempo, volta o soldado.*

SOLDADO. Pode parar!

A música pára.

SOLDADO. O senhor me perdoe, padre, mas estão fazendo zoada demais.

PADRE. É música.

SOLDADO. É música, mas aqui não é lugar pra festa. A zoada me atrapalha. Por que não vão tocar noutra canto?

MULHER. Por que o senhor não fica mais nós, ouvindo a música?

SOLDADO. *(avaliando a mulher)* Estou de serviço... Pra eu ficar, só se tivesse quem dançasse comigo.

PADRE. Que conversa é essa, soldado?/

MULHER. *(corta)* Eu danço, padre. Eu danço com o soldado.

O Padre fica um tanto atônito.

SOLDADO. *(para o Padre)* O senhor ouviu.

MULHER. Estou fazendo algum mal?

O Padre reflete um pouco e faz que não.

SANFONEIRO. É isso mesmo, padre... É todo mundo irmão. E tudo tem seu serviço.

*O sanfoneiro volta a tocar e os músicos acompanham.
Dançam a mulher e o soldado.
Os músicos se entreolham, satisfeitos. A música revigora.
Outros casais entram na dança. Por um momento, estão todos em festa. Quem não dança bate palmas ou marca com o pé o compasso do forró.
Nisso entra um soldado, correndo e, ao ver seu colega, interrompe a dança. Tentam conversar, mas a música é ensurdecadora.*

SOLDADO 2. *(para os músicos)* Pára! Pára!

Silêncio.

SOLDADO 1. Que foi?

SOLDADO 2. (para Soldado 1) O prisioneiro fugiu!

O primeiro soldado, por um instante, olha para os flagelados a sua volta e então para o padre.

SOLDADO 2. (insiste com o colega) Anda!

Saem os dois soldados, correndo.

O padre olha para os músicos e para a mulher e também se retira.

A mulher olha para os colegas do isolamento, a sua volta, e dá uma gargalhada.

MULHER. Deu certo. Ele fugiu!

Uma salva de gritos.

A música recomeça. A festa revigora, acelera sempre mais e, só aos poucos, se esvai, junto com a luz, enquanto um barulho de chuva torrencial vai tomando seu lugar.

Um ator, ao público:

“(…) Perguntamos, então: ficará o Campo do Pirambu abandonado, sem outro aproveitamento dagora em diante? Serão retirados os seus pavilhões, sua capelinha, seu posto de saúde? (...) Achamos que não e, até, é possível que o governo do estado já tenha em mente alguma coisa a propósito (...) cremos que o Campo de Concentração do Pirambu auxiliaria a solução do sério problema de mendicância, que de muito vem sendo objeto de comentários e cogitações nesta capital (...) A mendicância precisa ser socorrida pelo poder público e este bem poderia transformar o antigo “curral do governo” num abrigo para os mendigos de toda sorte que andam pedinchando diariamente pelas ruas de Fortaleza, pondo a nu o aspecto deprimente desse problema que ainda está por resolver”. Gazeta de Notícias, Fortaleza, 25 de fevereiro de 1933.

Cena 8

O garoto da primeira cena está só, segurando nos braços seu irmão bebê, envolto em panos, e canta para niná-lo (a mesma canção que sua mãe solfejava na primeira cena).

O bebê é pesado demais para o menino, de modo que este o muda constantemente de posição, na tentativa de descobrir a forma menos desgastante e desconfortável de segurá-lo.

Passado algum tempo, o garoto pára de cantar e observa o irmão. Constata que o neném já está dormindo. Olha para os lados: não vem ninguém.

Longo silêncio.

Cai o pano.

Entre novembro de 2002 e junho de 2003.
Intensa revisão entre outubro e novembro de 2005.
Na cidade de Salvador